

JOSÉ EDUARDO CARVALHO

ECONOMIA COVID-19

A Catástrofe com Face Humana



EDIÇÕES SÍLABO

ECONOMIA COVID-19

A Catástrofe com Face Humana

JOSÉ EDUARDO CARVALHO

EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Silabo na rede
www.silabo.pt

FICHA TÉCNICA:

Título: Economia COVID-19 – A Catástrofe com Face Humana

Autor: José Eduardo Carvalho

© Edições Silabo, Lda.

Revisão: José Dias de Brito

Capa: Pedro Mota

1ª Edição – Lisboa, julho de 2020.

Impressão e acabamentos: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.

Depósito Legal: 471502/20

ISBN: 978-989-561-084-6

 **EDIÇÕES SÍLABO, Lda.**
Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Tel.: 218130345

e-mail: silabo@silabo.pt

www.silabo.pt

Índice

O fenómeno das catástrofes

A Natureza não se zanga	9
As catástrofes naturais	12
Questões conceptuais	13
Catástrofes em Portugal	15
As catástrofes económicas	18
Singularidade das crises	19
O caso <i>subprime</i>	20
<i>Economic experts</i>	23
As catástrofes epidémicas	26
As grandes pandemias	26
O novo coronavírus	30
COVID-19 em Portugal	38
Passeios em tempo de cólera	43
O « <i>air rage</i> ».	44
<i>Overtourism</i>	50

Destroços económicos do confinamento

O desconhecido inesperado	58
Dilemas económicos	62
A grande incógnita.	63

Crise de dois choques	66
Choque nos setores económicos	69
O impacto em Portugal	73
Setores afetados	74
Novos tempos, novos hábitos	81
O Estado de regresso ao mercado	84
As primeiras medidas	86
A crise do desemprego	89

Cenários económicos para o «novo normal»

O futuro subjuntivo	97
Repercussões macroeconómicas	99
Caminho para o «novo normal»	105
Os cenários institucionais	111
Sopa de letras	113
Projeções macroeconómicas	121
Cenários para Portugal	130
A economia numérica	141
Problemática do PIB	142
A « <i>dismal science</i> »	145
Fontes consultadas	149

O FENÓMENO DAS CATÁSTROFES

«Na arte da vida, o homem nada inventa; mas na arte da morte ele supera a própria natureza e consegue produzir com as máquinas e a química toda a carnificina da praga, da pestilência e da fome»

George Bernard Shaw (SPIGNESI, 2004)

Vivemos no planeta vulcão. O planeta Terra, no seu processo normal de evolução, está em constante atividade tectónica e mutação climática, provocando sismos, erupções vulcânicas, maremotos e outras ações imprevisíveis da natureza.

Só depois de se aperceber o quanto estava desprotegido em relação às «fúrias» naturais, o ser humano, com o apoio dos avanços tecnológicos, começou a desenvolver ferramentas e técnicas com o intuito de se proteger dos fenómenos quando esses estivessem para acontecer: medidores sísmicos, barómetros, anemómetros e demais tecnologias.

Porém, a história humana mostra que nem só com catástrofes naturais convivem os homens e as mulheres, mas também com outros problemas provocados por eles próprios. Como se não bastassem as ações naturais do planeta, o ser humano inventou outros meios para se destruir a si mesmo. Sem falar dos impactos ambientais – assunto caro aos ecologistas – o Mundo, volta e meia, vive as consequências de catástrofes, umas vezes financeiras, outras por guerras e terrorismo ou de ordem da saúde pública, como a recente COVID-19/SARS-CoV-2.

A Natureza não se zanga

«Um jovem caminhava num bosque, com o seu pai e foram surpreendidos por uma tempestade. Abrigados, como puderam, ficaram em silêncio meditativo, observando a força da natureza.

— Pai, para que servem as tempestades? – questionou o filho.

Surpreendido pela pergunta, o pai demorou algum tempo a responder, pois a questão era profunda e ele nunca tinha pensado nisso.

— Servem para testar a resistência, a coragem e a força dos homens. Servem também para purificar e renovar a natureza, pois também nela só os mais fortes resistem. Já pensaste que o vento abana as árvores para que se libertem das folhas e dos ramos mortos?

— Hum...

— No que diz respeito aos humanos, alguns resistem e ficam mais fortes, mas outros deixam-se abater e ficam revoltados contra todos e contra a própria mãe natureza.

Quando o silêncio voltou, com a bonança, o pai retomou.

— Sabes filho, a natureza, não se queixa do mal que lhe fazemos. Vinga-se e zanga-se connosco, quando a agredimos. A natureza ralha connosco quando lhe fazemos mal. As tempestades são a expressão mais violenta que a natureza utiliza para nos castigar das nossas agressões para com ela. E, sabes, tem muitas formas de o fazer e, infelizmente, cada vez com mais frequência. Por vezes, os humanos ficam impotentes de lutarem contra a sua força e só lhes resta esperar que a fúria acabe.»¹

Esta é uma estória, metáfora ou alegoria, como lhe queiramos chamar, mas na realidade há vozes que a subscrevem a clamar que a natureza está zangada com a humanidade. A natureza, dizem, castiga o homem pelos seus pecados.

Já assim se pensava em 1755, quando do terramoto de Lisboa; muitos padres afirmavam que aquilo era um castigo de Deus. Nos dias de hoje, apesar do progresso técnico, o ser humano não deixa de cogitar nos maus humores da natureza. Antes vítima do terramoto, agora vítima da maldade da COVID-19.

Tornou-se comum explicar tudo e mais alguma coisa como resultado das alterações climáticas, mas a verdade é que o clima da Terra nunca se acalma. Todos os acontecimentos da história ocorreram com alterações climáticas. Os ecologistas chamam a este processo «destruição da natureza».

No entanto, não se trata realmente de destruição, mas de mudança. A natureza não se deixa destruir. Há 65 milhões de anos, um asteroide arrasou com os dinossauros, mas, ao fazê-lo, abriu caminho aos mamíferos. Hoje em dia, é a humanidade que impele muitas outras espécies à extinção.

A Terra poderia muito bem existir sem nós, mas nós não podemos viver sem ela. As coisas estão por toda parte e nós no seu seio, como parasitas. O ser humano é o maior inimigo de si próprio, porque não compreende a sua natureza de predador, a forma como se constituem as suas elites e os fatores motivadores de progresso, sobretudo os aspetos negativos.

(1) MARQUES, 2107.

Atenda-se, a propósito, algumas das passagens de uma crónica muito pertinente e atual, assinada por José Carlos Fernandes (*Observador online*, 29 Março 2020).

«A pandemia da COVID-19 veio suscitar reações pouco racionais. Veio sobretudo, abalar a ideia triunfalista de que os Grandes Males que tinham atormentado a Humanidade durante séculos estavam resolvidos ou em vias de resolução, graças à ciência e à tecnologia. Mas, por enquanto, a ciência e a tecnologia parecem estar longe de serem capazes de abolir as epidemias.

A ideia de que a nossa inteligência superior será sempre capaz de descobrir soluções tecnológicas que permitirão manter um crescimento ilimitado num planeta limitado, incentiva-nos a manter os nossos hábitos consumistas e a descurar a proteção do ambiente – e isso é uma ideia perigosa.

Ora, estávamos nós embevecidos neste doce sonho quando apareceu um vírus que veio recordar-nos de que somos animais, indefesos e assustados, e que as nossas imponentes megalópolis de vidro e metal que se estendem a perder de vista, não são mais sólidas e seguras do que termiteiras.

Apesar de viver numa era hipertecnológica e de a ciência ter vindo a elucidar com grande detalhe o funcionamento do mundo físico, quando os fenómenos naturais lhe são adversos o *Homo Sapiens* do século XXI continua a refugiar-se em explicações pueris, maniqueístas e antropomorfizantes. Furacões, erupções vulcânicas, inundações, secas e tornados são rotulados como malévolos e são percebidos e descritos como se tivessem consciência e vontade própria.

No mundo físico não há «bem» e «mal», nem «vinganças» e «recompensas»: há ações e efeitos, causas e consequências. A Natureza não é «generosa» nem «cruel». É indiferente às aspirações humanas e aos seus conceitos morais e continuará a existir, com uma ou outra configuração. Mesmo que, por inépcia própria ou fruto do acaso, o *Homo Sapiens* se extingua ou se a civilização que ele ergueu colapsar ou se tornar menos próspera, segura e confortável.

O facto de, nas últimas décadas, as epidemias terem sido pouco frequentes e circunscritas a regiões que, no Ocidente, tendemos a ver como «atrasadas» e «remotas», criou-se a ilusão de nos termos eman-

cipado da Natureza e de termos deixado para trás a nossa condição animal. O SARS-CoV-2 veio estilhaçar essa fantasia.»¹

Estas são palavras sensatas. De um modo geral, a reação humana a qualquer catástrofe tem uma conotação negativa, embora o conceito corresponda a uma rutura ou alteração significativa nos pressupostos de desenvolvimento passado. O verdadeiro sentido da palavra catástrofe é o do grego original, «acontecimento inesperado», mas esta interpretação tem hoje o reduzido significado de «tragédia». Em linguagem comum, significa desgraça pública, calamidade, flagelo.

Uma catástrofe pode ter origem em fenómenos naturais, mas algumas catástrofes naturais são provocadas ou potenciadas pela ação humana, através do seu próprio processo de desenvolvimento e do uso indevido das tecnologias e/ou da incorreta perceção dos impactos das suas descobertas.

A sociedade humana, como um todo, é a principal responsável pelas catástrofes, essencialmente porque não domina os sistemas complexos, nem avalia corretamente os impactos da sua ação. O homem sempre dominou melhor as tecnologias do que a complexidade do seu meio envolvente.

Acresce que, em qualquer situação de cataclismo, a busca do responsável pela sua ocorrência é sempre um processo tortuoso e ramificado. Um projeto, onde intervieram centenas ou milhares de operadores, atribuir a um homem ou a uma equipa um valor de culpa – de culpado a não culpado – é um ato penoso para quem julga. Mas um cataclismo pode ocorrer moto próprio e por sua própria culpa e daí que seja muitas vezes difícil identificar um exclusivo responsável.²

As catástrofes naturais

A definição de catástrofe é um assunto controverso. A literatura da especialidade costuma apresentar uma grande variedade de definições destes fenómenos naturais que, de um modo geral, são subjetivas.

(1) FERNANDES, 2020.

(2) PORTELA, 2010.

Cabem no âmbito destes fenómenos as catástrofes como os sismos, as erupções vulcânicas, as cheias, os ciclones, os deslizamentos de terras e secas.

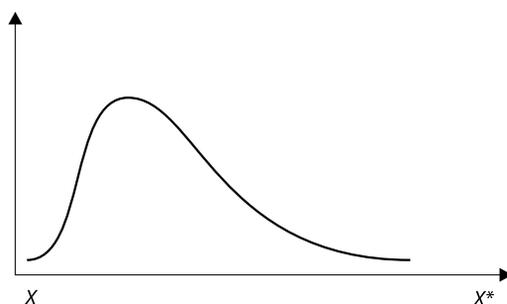
Questões conceptuais

A EM-DAT (*Emergency Events Database*) considera quatro critérios alternativos para a inclusão de um evento particular: relato de 10 ou mais mortes, relato de 100 ou mais pessoas afetadas, pedido de assistência internacional e declaração de estado de emergência.

O seu estudo na perspetiva estatística e económica tem por objetivo avaliar o comportamento da economia pós-catástrofe e os aspetos financeiros da prevenção das mesmas. A análise nesta perspetiva diz-nos que a catástrofe é toda e qualquer perda à direita de um ponto (patamar das catástrofes) fixado arbitrariamente na aba direita de uma dada distribuição.

Trata-se de uma definição propícia à análise do risco, uma vez que as distribuições dos sinistros são tipicamente enviesadas. Para isso é necessário modelá-las, utilizando para o efeito as distribuições – Paretologama, lognormal ou de Weibull – como a que se mostra na Figura 1, onde a variável X é uma variável de perda económica: *v.g.* indemnizações, prejuízos, etc.

Figura 1. Função de densidade



X^* – Patamar das catástrofes

ECONOMIA COVID-19

A Catástrofe com Face Humana

Vivemos no planeta vulcão. A Terra, no seu processo normal de evolução, provoca muitas catástrofes a que chamamos naturais. No entanto a história humana mostra que não é só com este tipo de catástrofes que a espécie humana se confronta. Periodicamente, consequências de outro tipo de catástrofes, estas com a marca humana, abatem-se sobre nós.

As pandemias, como a que vivemos agora, não são apenas parte da nossa cultura, muitas vezes têm origem nesta. A globalização transformou a relação entre os humanos e os vírus, onde o local é global e o global é local.

Não existem ainda dados seguros que permitam apurar a dimensão das consequências económicas, sociais e políticas da COVID-19. O futuro é incerto. Estamos a ser confrontados com uma crise, um túnel que teremos que percorrer, mas onde será conveniente não confundir fogos-fátuos com a luz ao fundo do túnel.

Na escuridão, a imaginação dos economistas, não deixou de ser estimulada e várias instituições foram projetando cenários pós COVID-19 com base em hipóteses do comportamento da epidemia e do comportamento humano traduzindo-os em parâmetros económicos.

Este livro, sob múltiplos aspetos, debruça-se e reflete sobre as diferentes perspetivas e consequências económicas e sociais da pandemia da COVID-19, uma catástrofe com rosto humano.

